

Guião para a peça de Teatro Infantil: " A Fada Oriana "

Nesta peça entrarão as seguintes **personagens**:

Fada Oriana; Rainha das Fadas; Rainha das Fadas más; árvore; papoila; malmequer; tulipa; coelho; galo; leão; peixe; velha; poeta e o narrador.

(O narrador manter-se-á invisível durante quase toda a peça, aparecendo no final onde, dirigindo-se ao público, narrará o fim do conto, acompanhando sempre os actos da Fada Oriana.)

O **cenário** e o **guarda-roupa** serão construídos pelos alunos, professora e encarregados de educação, entre outros colaboradores.

I ACTO

(A cena passa-se na floresta, perto do Carvalho onde Oriana habitualmente dorme e do rio onde se encontra com os amigos mais próximos (o coelho, o peixe, o galo, o malmequer, a papoila, entre outros tantos)

Narrador: - Era uma vez...

... uma fada chamada Oriana que era muito boa e, também, muito bonita. Vivia livre, alegre e feliz dançando nos campos, nos montes, nos bosques, nos jardins e nas praias.

(Cantarolando para os amigos ela dança demonstrando alegria e felicidade)

Narrador: Aproximando-se, a rainha das fadas diz-lhe:

Rainha das Fadas: - Oriana vem comigo.

Narrador: Dirigem-se ao cimo de um monte e apontando para a floresta (e, também, para o local onde estavam os amigos) a fada das rainhas, diz-lhe de novo:

Rainha das Fadas: - Oriana, entrego-te esta floresta.

Narrador: De sorriso nos lábios, revelando uma enorme felicidade, Oriana responde:

Fada Oriana: - Obrigada, rainha das fadas. Irei cuidar da floresta e dos seus animais com todo o meu amor.

Narrador: E começa, de novo a dançar e cantarolar.

II ACTO

Narrador: - Ora, certa manhã de Abril, acordando Oriana ainda mais cedo que o costume, mal o primeiro raio de Sol entra na floresta, ela sai de dentro do tronco de Carvalho onde, habitualmente, dorme.

(Oriana espreguiça-se, boceja, respira fundo (inspira e expira), e dá uns passitos de dança (no palco). De seguida, aproxima-se de um malmequer e simula o gesto de quem lava a cara (com as gotas de água suspensas na planta). E, por fim, com os dedos das mãos a fazerem de pente, penteia os cabelos.)

Fada Oriana: - Que manhã tão linda!

Fada Oriana: - Nunca tinha visto uma manhã tão azul, tão verde, tão fresca e tão doirada.

(Virando as costas, num gesto de quem se afasta, Oriana continua a dançar pela floresta fora, dizendo bom dia às plantas e aos animais.)

Narrador: Primeiro acordou as árvores (que levantam os braços/ramos, como se acompanhassem Oriana na dança), depois os galos (que começam a cantar), depois os pássaros (que agitando os braços/asas começam voar), depois as flores (malmequer e papoila, levantam-se, bambolem e agitam suavemente os braços/folhas), depois o coelho (que após ter esfregado os olhos, começa a saltitar, com uma cenoura na boca), os veados (que estão já a comer erva) e, por fim, as raposas (espreguiçam-se e começam a lambem-se).

A seguir Oriana foi acordar os homens.

E, dirigindo-se a casa da velha, uma senhora de muita idade, quase cega e que vive sozinha numa casa também muito velha, Oriana ajudou-a sem que ela o soubesse.

(Vê-se uma senhora de muita idade, usando óculos grossíssimos. A Fada Oriana agita a sua varinha de condão, limpa a casa e deixa comida feita.).

Narrador: Em dias de feira na cidade, Oriana costuma, igualmente, passar por casa do lenhador e do moleiro, ajudando-os sem que, também eles, saibam da sua existência, servindo-se para tal da sua varinha de condão.

Quando as duas famílias chegam a casa têm sempre tudo limpo, tudo colocado nos devidos lugares.

Narrador: À noite, voa até à cidade e encontra-se com o poeta solitário, que é a única pessoa crescida a quem a fada aparece.

(A um canto do cenário vê-se o poeta sentado a escrever. A fada Oriana circula suavemente pelo palco, como quem esvoaça e, ora aproximando-se, ora afastando-se dele, inicia o habitual dialogo)

Fada Oriana: - Sabes poeta, às vezes gostava que as pessoas me vissem. Tudo seria bem mais fácil (continua a dançar pelo palco).

Poeta: - Achas? E como lhes irias explicar as asas e a varinha de condão?

Fada Oriana: - Não sei, mas arranjaría uma solução (responde, debruçando-se sobre ele)

Poeta: - Pois, mas assim tudo o que fazes perderia a magia.

Fada Oriana: - Se calhar tens razão... Lê-me uma poema dos teus?

Poeta: - Claro, senta-te aí e ouve.

E ali ficaram pela noite fora!

III ACTO

Narrador: Ora um dia, ao abeirar-se Oriana do rio, aparece-lhe um peixe que se mostra muito aflito, fora de água e a pedir ajuda.

Peixe: Socorro, Socorro, ajudem-me a voltar à água...

Fada Oriana: Claro peixinho. Volta lá para a tua casinha.

Narrador: E, ficou a olhar para ele muito divertida, por ser tão pequenino e, mesmo assim, aparentar um ar muito importante.

E, quando assim estava olhar, viu a sua cara reflectida na água. O reflexo subiu do fundo do regato e veio ao seu encontro com um sorriso na boca encarnada. Oriana viu os seus olhos azuis como safiras, os seus cabelos loiros como searas, a sua pele branca como lírios e as suas asas cor do ar, claras e brilhantes.

(Oriana leva a mão aos olhos, aos cabelos e contorna o rosto.)

Pela primeira vez, Oriana estava a deparar-se com a sua beleza.

E, dia após dia, o peixe cultivando a sua vaidade, dizia-lhe:

Peixe: - Nunca vi ninguém tão belo, tão encantador, como tu...

Narrador: De tal forma ficou vaidosa que, pouco a pouco, Oriana foi abandonando a floresta, os animais e os amigos.

Até da velha se esqueceu por completo.

(árvores tombam o corpo/tronco e os braços/ramos, os animais caem no palco/chão, de forma suave, como se estivessem mortos.)

Quando apareceu a rainha das fadas e viu o abandono da floresta, ficou tão zangada, tão zangada que lhe tirou as asas e a varinha de condão, não sem antes lhe dizer:

Rainha das Fadas: - Vai ver o que aconteceu aos homens, aos animais e às plantas que abandonaste. (Oriana olha ao seu redor...)

Fada Oriana: - Que silêncio! Que silêncio! Meus Deus o que eu fiz...

Fada Oriana: - Por favor, Rainha das Fadas, perdoa-me! Devolve-me as asinhas e a varinha de condão, para que eu possa remediar o mal que fiz.

Rainha das Fadas (virando-se para o público, diz em voz firme): - Não! Não o mereces! Só voltarás a ter as asas e a varinha de condão quando fizeres algo para as merecer.

(A rainha das Fadas sai do palco a correr... Oriana senta-se no chão e "chora" convulsivamente...)

IV ACTO

Narrador: Levantando-se, triste, Oriana começa a vaguear pela floresta na esperança de encontrar os amigos. Mas, mudara de tal forma que já ninguém acredita nela.

De repente, encontra uma fada de cabelos pretos que, sorrindo, lhe diz:

Rainha das Fadas más: - Eu sou a rainha das fadas más, e se quiseres que eu te dê estas asas, tens de prometer que de hoje em diante passarás e cumprir as minhas ordens.

Narrador: Oriana ainda hesitou porque poderia voltar a voar novamente, mas lembrou-se das palavras da rainha das fadas e respondeu:

Fada Oriana: Não, obrigada! Eu hei-de recuperar os meus amigos.

(Pela primeira vez o narrador aparece ao público e, conclui a história, apontando cada passo da Fada Oriana)

Narrador: Oriana resolveu, então, ir até à cidade procurar o poeta, mas quando ia a caminho avistou, ao longe, a velha a dirigir-se para o abismo.

Pôs-se, então, a correr muito depressa, na esperança de a alcançar. Mas quando lá chegou já a velhinha estava a cair do abismo. Apesar de muito ter corrido, Oriana não conseguira chegar a tempo de a salvar.

Então, mesmo sem asas, Oriana não hesitou por um momento, em saltar do abismo para a garrar a velha senhora.

De súbito, como um relâmpago, apareceu no ar a rainha das fadas que estendeu o seu braço, tocou em Oriana com a sua varinha de condão e, no mesmo instante, ela parou de cair e ficou imóvel, suspensa no ar, segurando a velha. Levou-a para sua casa e, só no regresso, pôde perceber que tudo aquilo tinha sido possível graças à bondade da rainha das fadas, que lhe devolvera as suas asas e a sua varinha de condão.

Agora tudo fazia sentido na sua cabecinha linda e bondosa...

Levantando a sua varinha de condão, devolveu à floresta todo o encanto e magia que a mãe Natureza a dotara.